



Rio de Janeiro, 11 de novembro a 13 de novembro de 2015

## TIJOLOS PARA UMA IDENTIDADE LOCAL

Fernando Betim Paes Leme

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

[ferbetim@gmail.com](mailto:ferbetim@gmail.com)

Luiza Xavier Pereira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

[luizaxavierx@gmail.com](mailto:luizaxavierx@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho trata, a partir da discussão do uso tijolos tradicionais de adobe em construções no campo, de incorporar conceitos de espaço e território discutidos nas áreas da geografia, como contribuição relevante às compreensões socioambientais tratadas nos estudos de arquitetura e design. Busca, apoiado em autores como Henry Lefebvre, Milton Santos e Doorey Massey, revelar a importância desta temática a partir das argumentações e participação dos construtores rurais quando envolvidos no universo das transformações técnicas e culturais contemporâneas.

Palavras chave: espaço; território; identidade; tradição; lugar; diversidade.

**Abstract:** *The present work deals with, from the discussion of using traditional adobe brick in the rural constructions, to incorporate concepts of space and territory discussed in the areas of geography, as relevant contribution to environmental studies treated understandings architecture and design. Supported by authors such as Henry Lefebvre, Milton Santos and Massey Doorey, search reveal the importance of this theme from the arguments and participation of rural builders involved in the universe of contemporary techniques and cultural transformations.*

**Keywords:** *space; territory; identity; tradition; place; diversity*

## 1. INTRODUÇÃO

*“Doutor, acho melhor fazermos essa construção em tijolo comum mesmo, vai ser muito melhor, mais rápido e vai ficar mais barato.”*

A frase proferida acima é a ponta de discussão que irá construir o entendimento dos conceitos de espaço e território, colocado sob os aspectos socioambientais de sustentabilidade tanto discutidos hoje. Buscaremos incorporar, portanto, a partir de três autores, Henri Lefebvre, Milton Santos e Doreen Massey, as contribuições da área da geografia no diálogo com o Design e Arquitetura.

A argumentação que inicia este trabalho, parte da ponderação de Geovani, um rapaz de 28 anos, morador e trabalhador do campo, sul de Minas Gerais, que tem como atuação principal a construção civil. Dizemos “principal” porque para um habitante do campo, ligado às atividades rurais, o aprendizado profissional se dá ainda aos moldes “mestre e aprendiz”. As pessoas que aí habitam, crescem sendo capacitados a trabalhar e conhecer múltiplas atividades e fazeres relacionado não somente à produção agrícola, mas principalmente às praticas construtivas e de produção, determinantes para sobrevivência de suas famílias. Geovani conheceu desde pequeno, acompanhado pelos mais velhos, a lida com animais e plantio. Consequentemente nesta lida se incluem montagem de cercados, construção de paióis, galinheiros, cochos, curral, todos fazeres técnicos aprendidos nas atividades coletivas, pela repetição de gestos transferidos ao longo de gerações, tradicionalmente mantenedoras do conhecimento deste espaço no qual estão enraizados. Aprendeu, portanto a manejar ferramentas e interagir com o meio que habita pela vivência e lembranças por ele herdado.

Com 16 anos esse rapaz pediu a participação como servente em uma obra de construção residencial que se executava ali no campo. Obra convencional, destas construções comuns da cidade, que para este menino, naquele momento, estabelecia simbolicamente pertencer também ao mundo globalizado que se apresentava. Mas, para alguém que convive cotidianamente com fazeres construtivos, em que se diferenciaria a construção de um paiol da construção de uma casa?

Naquele momento, trabalhar como servente, como aprendiz de construção civil era como conferir a legitimação de uma profissão, do vínculo com maquinários e conhecimentos em seu entender mais avançados, que mesmo não formalizados academicamente, constituiriam a confirmação de fazer parte do conjunto de pessoas, de um universo social supostamente mais qualificado. Assim se fez. Geovani não só atuou neste serviço como partiu para atividades mais complexas, compondo parte de equipe em construção de hotéis e outros maiores empreendimentos. De mesmo modo, mesmo tendo contato substancial com este ambiente urbano das cidades, sua ligação com a vida no campo se manteve extremamente fortalecida. Na busca de manter os laços familiares estruturados, é muito comum, nestas comunidades, a formação de grupos de trabalho com vizinhos, parentes e amigos com condições de vida similares. Casamentos, inclusive, seguem invariavelmente esta mesma relação de proximidade. A busca, portanto, por trabalhos que possam mantê-los perto de seus grupos e família é um fato mais comum do que se poderia imaginar, visto o apelo midiático pelo modo de vida urbano. Neste sentido foi oferecida também a Geovani, assim como seus companheiros, a oportunidade de atuarem em outras construções na área rural, em especial obras de interesse científico sobre técnicas tradicionais de construção. O ponto que nos interessa aqui, é que estas pesquisas que foram trabalhadas nestas construções, buscavam conhecer exatamente a memória de construções em terra crua como taipa e adobe.

Inicialmente, no entender destes trabalhadores, se tratava somente de mais uma oportunidade de serviço, de um conhecimento técnico que historicamente conheciam ao mesmo tempo suficientes para garantir os recursos para as famílias naquele ano. Entendiam

também que, reproduzindo as técnicas antigas, embora fosse um serviço trabalhoso, aquilo não passaria de um momento de experimentação, de um modismo talvez, mas que rapidamente daria espaço para as construções de outros novos serviços relacionados à processos industrializados, tal qual os hotéis que trabalharam anteriormente.

Foram realizadas cinco construções relacionadas às experimentações de pesquisa, com técnicas principalmente de adobe, experimentos estes que permitiram o desenvolvimento de novos procedimentos e materiais atrelados aos conhecimentos tradicionais. Pois bem, a resultante destas obras realizadas foi extremamente positiva tanto do ponto de vista técnico, funcional, pela satisfação dos proprietários e orgulho dos trabalhadores pelo reconhecimento obtido. Foram todos muito parabenizados e conhecidos pelas redondezas. Porém, um fator chamou a atenção. Os trabalhadores, embora tendo a valorização e qualificação de seu saber histórico enaltecida, se mostraram relutantes em reproduzir as técnicas tradicionais nos trabalhos que vieram a seguir. E Geovani representava esta relutância.

Adobes são tijolos da construção antiga, passada, que não inclui os equipamentos e maquinários da era moderna. Pertencer ao mundo contemporâneo se mostra como desejo maior destes grupos que de algum modo se tornaram marginalizados. Tijolos cerâmicos corporificavam a ideia de viver o presente e regressar aos moldes de produção antigos, preparando adobes, é sacrificar demais a energia humana desprendida por estes rapazes. Mas não só isso, a realização das técnicas tradicionais em terra crua solicita um trabalho coletivo organizado e um tempo ampliado de produção que não cabe mais nos compromissos dos trabalhos atuais.

Não faria sentido estabelecer a convivência com um passado sem abrir as perspectivas para outros tempos. O que se vivenciou neste período, foi um território com uma identidade local colocada em discussão, onde convivem as contradições e a heterogeneidade das comunidades.

Neste sentido, a concepção de “território”, ambiente destes personagens, parte necessariamente sobre uma compreensão mais alongada sobre a ideia de espaço, um espaço composto de tempos diferenciados, que coexistem simultaneamente e se refletem nos fazeres locais.



**Figuras 1, e 2: produção de tijolos de adobe no sul de Minas Gerais (fonte do autor)**

## **2. O CONCEITO DE "ESPAÇO"**

O conceito de "espaço" é tratado por diversas disciplinas, estudado vastamente por diferentes campos de conhecimento. No entanto, como aponta Henri Lefebvre (1974), os significados atribuídos ao termo são geralmente confusos e paradoxais, resultando em definições mal determinadas. Segundo o autor, as discussões sobre espaço desenvolvidas por campos como o da matemática ou da filosofia, não propiciaram um eixo conciso à investigação

do termo, sendo insuficientes para promover seu entendimento de maneira global. De acordo com Lefebvre:

*As pesquisas culminam, seja em descrições (...), seja em fragmentos ou recortes do espaço. Ora, muitas razões induzem a pensar que descrições e recortes apenas proporcionam inventários do que há no espaço, no melhor dos casos um discurso sobre o espaço, jamais um conhecimento do espaço. (Lefebvre, 2000)*

Para muitos geógrafos, a definição do conceito de espaço, é visto como alicerce central da própria geografia como campo de estudo. Como aponta Milton Santos (2010), "o corpus de uma disciplina é subordinado ao objeto e não o contrário", sendo, para ele, o corpus da geografia subordinado ao objeto "espaço". Rogério Haesbaert (2013), ao defender a mesma visão, aponta o conceito como a "noção-mestre" da geografia, ao qual todos os demais conceitos estariam englobados - tais como a paisagem, a região, o território, o lugar, entre outros.

A geografia, assim como a arquitetura e o design, lida com a coexistência entre fenômenos e relações no espaço, levando em consideração suas simultaneidades. Por ser uma ciência social com base conceitual para dialogar tanto com as ciências exatas quanto com as naturais, enxerga o espaço em sua multidimensionalidade, seja na esfera humana ou na esfera física. Tal característica ajuda no entendimento do espaço em sua globalidade, contribuindo, assim, para uma análise mais completa.

### 3. LEFEBVRE: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O espaço geográfico, em um sentido "mais amplo" teria, três formas de abordagem: o espaço absoluto, ou seja, um espaço delimitado, imóvel, com uma existência independente da existência da matéria; o espaço relativo, em que se comparam espaços absolutos entre si; e o espaço relacional, em que se considera a relação que os objetos apresentam entre eles e as relações contidas no objeto (Haesbert, 2013). Como aponta o sociólogo, para se entender o espaço, é essencial considerar a interação entre cada uma das abordagens, tratando, assim, de sua multidimensionalidade.

Ao falar sobre tais relações, segundo David Harvey, deve-se destacar a importância das interações entre cada uma das condições. Da mesma forma que Lefebvre já defendia, para se entender o espaço, é essencial considerar a sua multidimensionalidade. Harvey, indo além, ainda propõe uma conexão das três abordagens com as importantes proposições de Lefebvre sobre espaço percebido, espaço concebido e espaço vivido (Haesbert, 2013).

Para falar sobre espaço, é essencial apresentar primeiramente as ideias de Henri Lefebvre, cientista social, com vasto trabalho sobre o tema, e fonte de fundamentação de importantes pensadores do final do século XX. Para o autor, espaço (social) é um produto (social), ou seja, o espaço não existe por si só, em uma realidade material independente. Segundo Lefebvre, o espaço é o produto da sociedade que nele habita, o produz e nele se reproduz, criando assim uma relação de coexistência. Assim, o espaço e a sociedade é que farão seu próprio arranjo espacial, de acordo com sua lógica societária.

O espaço geográfico, em um sentido "mais amplo" teria, três formas de abordagem: o espaço absoluto, ou seja, um espaço delimitado, imóvel, com uma existência independente da existência da matéria; o espaço relativo, em que se comparam espaços absolutos entre si; e o espaço relacional, em que se considera a relação que os objetos apresentam entre eles e as relações contidas no objeto (Haesbert, 2013). Como aponta o sociólogo, para se entender o espaço, é essencial considerar a interação entre cada uma das abordagens, tratando, assim, de sua multidimensionalidade.

O conceito de espaço social para Lefebvre está ligado à relação entre espaço e tempo, em que o espaço representa a simultaneidade, e o tempo, o processo histórico da produção

social. A sociedade também se apresenta como central para a teoria de Lefebvre, que a desenvolve a partir dos seres humanos, de suas ideologias, sensibilidades, relações, atividades e práticas.

Espaço e tempo são compreendidos como resultado e pré-condição da produção do espaço. Assim, não podem ser compreendidos através de uma concepção universal. Como são produzidos socialmente, só podem ser compreendidos através do contexto de uma sociedade específica. A análise do espaço deve considerar questões históricas de relação de poder e conflitos - o que demandaria analisar-se o espaço pela sua globalidade - que sejam relevantes em cada situação específica. Segundo Lefebvre, a produção do espaço social combinaria a realidade e o ideal, sendo ao mesmo tempo prático, simbólico e imaginário, provocando - também simultaneamente - ordem e desordem.

Ao longo de todo o seu trabalho, Lefebvre apresenta o espaço como produzido através de três dimensões, que apontam para uma abordagem dupla do espaço, sendo uma delas fenomenológica e a outra linguística ou semiótica.

Assim, pela linguística, o espaço seria determinado pela tríade da "prática espacial", "representações do espaço" e "espaço de representações"; assim como pela abordagem da fenomenologia, o espaço seria abordado como "percebido", "concebido", "vivido". Tais conceitos seriam a "chave" para a compreensão da teoria de Lefebvre, apontando para uma abordagem dupla.

Ao abordar o segundo conjunto de conceitos, ("o percebido", "o concebido", o "vivido"), o autor coloca a perspectiva do sujeito que pensa, atua e experimenta no processo de produção do espaço, inclui uma materialidade concreta e um conceito pensado, sentido. A materialidade em si não possui existência quando vista sem a perspectiva social, sem o pensamento que o expressa e representa, sem os sentimentos investidos nesta materialidade.

Segundo Lefebvre, a ideia de espaço que se apresenta nestas experiências com o agricultor Geovani, é essencialmente de que não há como compreender qualquer definição de espaço sem que haja o entendimento das ações humanas envolvidas. Esse entendimento fortalece o conceito de território.

Para as áreas de design e arquitetura, a ideia de território deriva aí quando estas ações são compreendidas como fazeres de identidade cultural local. A relação de transformação técnica construtiva destes rapazes no sul de Minas Gerais denota uma compreensão de espaço onde coexistem as multiplicidades e diversidades.

É importante compreender no estudo de Lefebvre o pensamento dialético, de que a realidade social é marcada por contradições. As fontes utilizadas por ele são extremamente distintas, expressando os pensamentos de diversos filósofos para abordar o assunto proposto, citando, por exemplo, Hegel, Marx e Nietzsche.

No pensamento de Lefebvre o modo de produção do espaço organiza/produz ao mesmo tempo o seu espaço e as relações sociais. Porém, não se pode dizer que este modo de produção ordene o espaço por uma inspiração ou inteligência. A sociedade espacializada se faz a si própria (tal qual o espaço). Estas modificações geralmente são lentas, mas podem também ocorrer de forma brutal, como aconteceu com os campos e paisagens rurais no século XIX. Baseando-se no funcionamento de uma realidade capitalista, o autor coloca a brutalidade como marca do fortalecimento do espaço homogeneizador, fragmentador e hierarquizador.

Essa forma de manter o espaço homogeneamente integrado à lógica do mercado (do valor de troca), fragmentado, é mantida pela força, tanto em escala local, quanto mundial. Mas como um espaço pode estar inserido em uma mesma lógica - a da mercadoria, que homogeniza todo mundo (na mesma ideologia e ordem global) - e que ao mesmo tempo se fragmenta, se hierarquiza? Esta é uma relação que aponta diretamente para Geovani e seus companheiros. Lefebvre defende que a fragmentação é realizada para dominar, para melhor hierarquizar os espaços. A fragmentação transforma a diferença em desigualdade. Segundo o autor, é preciso que se lute contra tal hierarquização, buscando recompor a homogeneização. Desta maneira, seria possível respeitar as diferenças sem gerar desigualdades.

Lefebvre defende, então, que não se trata de "substituir as preocupações globais a 'pontuais'". O Estado irá criar uma política oficial comum a diferentes espaços. As populações atingidas devem ter esta percepção e organizar-se para demandar uma especificidade que atenda às suas necessidades. Assim, em 'A produção do espaço', Lefebvre dá ênfase ao contra-espaço, à contra-hegemonia, afirmando que "convirá motivá-la, orientá-la no curso de sua própria execução".

#### 4. MILTON SANTOS E O ESPAÇO COMO PALCO DE POSSIBILIDADES

Milton Santos, ao longo de sua carreira, também trabalha o conceito de espaço. Fundamentando-se em ideias de Lefebvre, trata com profundidade o aspecto multidimensional e a ligação do conceito com a temporalidade. Ao falar sobre a concepção de espaço geográfico por um aspecto relacional, o autor, o apresenta como algo que envolve tanto o universo dos objetos quanto dos sujeitos e suas ações - referindo-se também aos elementos fixos e os móveis (dos fluxos), à dimensão material e à imaterial.

No livro "A natureza do espaço" (2010), trata da natureza e do papel das técnicas, que seriam, segundo ele, meios instrumentais e sociais pelos quais o homem realiza sua vida e cria o espaço. Funcionariam, assim, como sistemas característicos de diferentes épocas e possuiriam aspectos tanto materiais, quanto imateriais. Para o autor, analisar a história da técnica e seus dois aspectos, contribui para que o tempo se encontre com a noção de meio geográfico. Este entendimento leva à superação de dicotomias como natural e cultural, objetivo e subjetivo, global e local.

Ao longo do texto, discute também o movimento da produção e da vida ao redor de objetos e ações, tendo também a técnica, um papel fundamental. Assim, o autor junta objetos produzidos pela natureza e objetos produzidos pelo homem (objetos sociais), sempre tentando apresentar a ideia central de que o espaço é um sistema de sistemas, ou seja: um sistema de objetos naturais e outro de objetos produzidos, formando dois sistemas que se integram e funcionam como um só. Neste sentido, tijolos de adobe e tijolos cerâmicos estabelecem relações de sistemas diferenciados para um mesmo objetivo comum que é a finalização da construção.

A base da discussão de Milton Santos está pautada nesta ideia: propõe que se pense sobre um espaço e dois sistemas, os quais se superpõem. Esta compreensão traz como palavra-chave a técnica, que vai dotando os seres humanos de uma capacidade cada vez maior de superpor o sistema social (no qual as técnicas estão embutidas) sobre o sistema natural (relevo, clima, vegetação, estrutura geológica, entre outros: todos interligados um com o outro). Dito de outra forma, é preciso analisar os sistemas considerando, tanto os aspectos naturais, como os não naturais. Assim como afirma Lefebvre, Milton Santos reafirma a importância de se analisar todas as dimensões existentes no espaço. A base para se entender o espaço será enxergar sua multidimensionalidade.

Outro conceito do geógrafo brasileiro que tange as ideias do sociólogo francês, se refere à importância dada ao tempo histórico, uma vez que cada momento histórico corresponderia a uma espacialidade. Afirma também que, se a relação tempo/espaço está sempre presente, para que seja possível compreender esta geografia - destas realidades de cada tempo histórico - será preciso historicizar também os conceitos geográficos, que serão as ferramentas usadas para analisar esta realidade.

O conceito de espaço regente no século XIX, por exemplo, com a ideia de espaço absoluto, de localização, fazia sentido para a época: com interações sociais muito mais tênues, o conceito de espaço euclidiano mostrava-se pertinente. Quando os fluxos vieram marcar o espaço no século XX, a visão do espaço como fixo, imutável, não dinâmico, seria posta em cheque. Este é parte do dilema histórico que encontramos na ponderação de Geovani: revisitar os fazeres do passado não apontavam uma valorização de sua obra tal qual se evidenciava aos pesquisadores e arquiteto, era apenas mais um modo de construir absorvido

ao longo da memória tradicional que incorporou pelos antepassados, mas que sob o olhar da produção se fazia obsoleto e de pouco valor agregado.

O meio técnico-científico-informacional (como o denomina Milton Santos) pós-1970 coloca uma fluidez muito mais intensa no espaço, desafiando a concepção do espaço inicial físico, matemático. A partir de tal constatação, Milton Santos coloca a questão sobre o conceito de espaço precisar ser refeito a cada momento histórico. Para dar conta desta outra dinâmica espacial de fixos e fluxos interligados, o autor colocará sua definição - já citada acima - de espaço como conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, sendo então o espaço composto pelo sistema natural e o sistema artificial (ou social). O espaço é, portanto, meio, o lugar material das possibilidades dos eventos. Para o geógrafo, o passado ficou "para trás", o presente acaba, e o futuro, pra conseguirmos prever ações e para fazer planejamentos, nos obrigará a fazer periodizações, uma vez que, assim, torna-se possível identificar o que seria novo no processo e possibilitaria uma ação transformadora e lúcida.

Em seu livro "Metarmoses do Espaço Habitado" (1988), Santos deixa clara tais ideias através da diferenciação feita entre "espacialização" e espaço. Segundo o autor, "espacialização" seria o presente, o que acontece naquele determinado momento e sendo por isso, transitório e rápido. Ao citar o método lefebvriano "Progressivo-retroativo" (1974), Santos apresenta o presente como resultado e, ao mesmo tempo, processo - ou seja, mesmo os resultados encontrados na paisagem, que se colocam como marcas ou resultado de um trabalho ou ação humana, seriam também um processo, a condição para o espaço "vir a ser". Neste cenário, as contradições entre o novo e o velho, o passado e o futuro, passariam a coexistir o tempo inteiro, em uma dialética constante.

Desta maneira (e como mencionado acima), a periodização torna-se muito importante no trabalho de Milton Santos. Classifica, então, através de duas formas distintas: o regime e a ruptura. Para ele, não é possível falar de periodização sem mencionar as ideias de poder e território.

Em sua abordagem, cada período histórico terá um território, uma "regra", uma "ordem" para aquele espaço, e consequentemente para aquela paisagem. Por exemplo, como vemos neste caso levantado, durante certo período, um espaço pode ser marcado pelo capital agrário. Com a mudança de poderes hegemônicos, tal espaço pode passar a ser produzido por influências do capital comercial, depois do industrial ou até do midiático.

Um determinado regime existirá até o momento em que as regras colocadas por ele não façam mais sentido, exigindo que sejam mudadas. Uma ideia de sobreposição de paisagens que não se apagam, num movimento de adição e subtração. Tais questões nos fazem retornar à ideia mencionada do espaço como condição para a realização do "novo", construído através da dialética de ruptura e continuidade.

O espaço geográfico, sendo um sistema de objetos funcionalmente entrelaçados, forma um todo coerente e constitui uma unidade completa. Sendo um sistema de ações, constitui-se como um conjunto de gestos, forças, atos e atitudes, que fazem mover a sociedade. A análise do sistema natural e do social como conjuntos indissociáveis, permite levantar os problemas - de diferentes esferas - da totalidade estabelecida para, a partir daí, então, ser possível avaliar o futuro e propor alternativas para o espaço.

## 5. DOREEN MASSEY E O LUGAR COMO ENCONTRO DE TRAJETÓRIAS

Assim como Milton Santos, a conceituação do espaço pela leitura relacional em que a dimensão mutável e dinâmica é privilegiada, também está presente em Doreen Massey (2008), geógrafa de origem inglesa.

A autora define o espaço como "produto de interrelações", "a esfera da coexistência e da multiplicidade" e "sempre em construção" (Haesbaert, 2013), buscando construir uma nova imaginação sobre o termo. Ao falar sobre este espaço, traz também o conceito de "lugar" e a ideia de "sentido global do lugar".

Para ela, a ideia de lugar é resultado da ideia moderna de progresso (baseada na tríade ocidente, modernidade, capitalismo), em que a concepção de "desenvolvimento histórico" já supõe, antecipadamente, o trajeto traçado e o destino acertado, uma ideia que se baseia na pré-determinação. Ou seja, a partir de leituras feitas sobre o "hoje", se projetam cenários, planejamentos, etc. Porém, no trajeto histórico temporal entre o "hoje" e o ponto de chegada, muitas coisas novas podem acontecer: dados, relações de poder, entre outras tantas questões que poderiam mudar o ponto de chegada.

Cabe aqui abrir um “parênteses”: esta ideia de projeto, fruto de uma matriz racional que marca as ciências do mundo ocidental, passou a ser contestada principalmente nas últimas três décadas, motivadas pela “Teoria da Relatividade”. Assim, passou-se a se discutir a ideia de existirem possibilidades diferentes, de ter que lidar com a incerteza e com os princípios da complexidade. As certezas passam, portanto, a ser relativas.

Neste contexto, Massey vai defender que o espaço é aberto, uma vez que apresenta diversas combinações relacionais possíveis. Tal entendimento é o princípio básico para compreender os conceitos de Massey e Milton Santos, ancorada em Lefebvre e Harvey, sobre o espaço absoluto, relativo e relacional.

Massey fala sobre o "sentido global de lugar", em que "sentido" apelaria para a ideia de sentimento, pertencimento; "global", à ideia de trabalhar o lugar em sua multiescalaridade; enquanto o "lugar", traria a ideia da localização. Assim, a autora trabalha o lugar como "encontro de trajetórias", em processos, tanto naturais quanto humanas, considerando as multidimensionalidades do espaço.

Para a autora o lugar é aberto, não definido, onde podem acontecer novas conexões e desconexões. As trajetórias do presente, neste espaço, e também exemplificado no sul de Minas Gerais, irão se contaminar, passando uma a fazer parte da formação da outra, porém nunca formando um todo coerente e estável, uma vez que o espaço está ligado à ideia de relacional, ou seja, nunca será fechado ao que vem da relação com os outros lugares. Desta maneira, a autora aponta para a responsabilidade dos indivíduos pelo futuro, uma vez que são os mesmos que constroem o "aqui-agora".

Apesar de ser pensado como um lugar de encontros que integram o local e o global, o lugar não é entendido como “vítima” dos processos globais. Segundo a autora, é preciso contextualizar o local no quadro do que denomina de “geometria de poderes globais”.

As redes de relações colocadas e os entendimentos sociais seriam marcados pelas desigualdades e heterogeneidades tanto na escala do lugar quanto em outras escalas, de forma articuladas. Sendo preciso, portanto, tomar cuidado sobre a idealização do local frente ao global. Diferentemente de Milton Santos, que coloca a questão global em uma tentativa de homogeneização, de acordo com a reponsabilidade dos "lugares poderosos", no texto de Massey, o sentido global de lugar, mostra que cada lugar irá adquirir esta homogeneização de uma maneira diferente, dialeticamente.

Homogeneização, hierarquização e fragmentação serão superpostos ao lugar, na relação espaço e lugar. Porém, tais conceitos são reproduzidos de formas distintas internamente, uma vez que o lugar não é homogêneo. Massey toca neste ponto todo o tempo.

Ao falar sobre comunidade, tal qual em nosso caso, aponta como, internamente, esta também é heterogênea. A heterogeneidade está presente em tudo, não há como querer criar normas e regras para uma homogeneidade.

Pode-se dizer que os lugares possuem uma identidade própria, porém, não de forma coesa, compartilhada por todos. Como diria Massey, "se se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer o mesmo dos lugares". Tal multiplicidade pode ser vista como fonte de riqueza, de conflito ou até de ambas.

As múltiplas identidades existentes em um lugar traz um "sentido global do lugar", as relações, não apenas econômicas, como também políticas e socioculturais, cada qual com ideias de poder e estruturas internas de dominação, têm se espalhado pelo planeta em níveis que vão desde o local até o internacional.



A nova relação sobre lugar, que é o que buscamos a comunidade rural mencionada, será possível a partir desta perspectiva, segundo Doreen. Como dito acima, um lugar terá sua especificidade, não pela história passada e internalizada, mas sim a partir das relações sociais existentes ali, criando um locus particular. Trata-se de um lugar de encontros, de "momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais" (Massey, 2000).

Haesbaert (2013) complementa a leitura sobre Massey afirmando que, segundo ela, se um espaço é múltiplo, também se encontra envolvido por mecanismos ou processos que pretendem padronizá-lo, homogenizá-lo.

## 6. CONCLUSÃO

A história de nosso tempo, nos leva a novas dimensões de lugar, da redescoberta da dimensão local. Revisitando o lugar no mundo atual, faz-se necessário encontrar seus novos significados, que devem ser feitos através da consideração do cotidiano.

Uma das abordagens, tratada inclusive pela geografia socioambiental, busca analisar o sistema natural e o social como conjuntos indissociáveis e compreender o espaço de uma maneira ao mesmo tempo individual e global, como pretendia Milton Santos (2010), respeitando-se as diferenças e limites existentes no espaço.

O "sentido global do lugar", apresentado por Massey, estaria sendo abordado desta maneira. As particularidades locais poderiam, assim, firmar-se no palco das possibilidades do "vir a ser" do espaço. Desta maneira, como aponta Lefebvre, seria possível respeitar as diferenças existentes nele sem gerar desigualdades. Seria possível, conseqüentemente, através da coexistência de produção do espaço e da sociedade, alcançar a reprodução humana local pautada na construção de suas próprias particularidades.

Entender a complexidade dos fazeres que envolvam o cotidiano de Geovani e seus parceiros, nos conduz a compreender também que resgates históricos, de saberes passados não constituem um universo congelado no tempo. Que a distinção entre rural e urbano se dilui cada vez mais pelas redes de interações, pelo conceito de rede de conexões que avança por cada território. Mas define também que embora esta rede tenha tendência de homogeneização, as diversidades e multiplicidades presentes dão conta de formar as identidades locais. Não estáticas, mas dinâmicas.

A diferença entre utilizar tijolos de adobe ou tijolos cerâmicos, não está no pretexto de colocar em cheque identidades de passado e presente. Em caracterizar um território a partir somente de seus elementos de referência histórica. Os dois objetos coabitam o mesmo tempo e espaço, incorporam técnicas com objetivos similares. São distintos na produção, mas estão disponibilizados e atuantes na medida em que estão em uso.



**Figura 3: Transformação do espaço local** (fonte do autor)

## REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Grupo as (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea" do núcleo de geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4 ed. Paris: Editions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev 2006, cap1

HAESBAERT, Rogério. **Por uma constelação geográfica de conceitos**. In: Viver no limite. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2014. p. 19-51.

BÊZ, Marcelo. & FIGUEIREDO, Lauro César. **Algumas reflexões acerca da geografia Socioambiental**. Geosul, Florianópolis, v. 26, n. 52, p 57-76, jun/dez. 2011. (online)

MASSEY, Doreen. **O sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antonio A. (org). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. (on line)

MENDONÇA, Francisco. **Geografia Socioambiental**. AGB. Terra Livre. São Paulo, n. 16. 2001, p. 133-152. (online)

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002. \_\_\_\_\_. Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Espaço geográfico, espaço social, organização espacial e produção do espaço**. In: \_\_\_\_\_. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2013. p. 21-42.

SCHIMDT, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. Trad. Marques Marta; Barreto, Marcelo. São Paulo: GEOUSP, n 32, pp 89-109, 2012)